

MEMÓRIAS DE UMA CASA VELHA: O SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY, SUA ORIGEM E MEMÓRIA NA UNIVERSIDADE

Aluna: Danielle Larrate de Andrade

Orientadores: Marco Antonio Pamplona, Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio

Introdução

“São feias, mas são velhas!” [1]. Existe no arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) um texto intitulado As velhas belas casas do Rio, que cita Machado de Assis, muito ofendido quando alguém ousava chamar as antigas casas do Rio de Janeiro de velhas e feias. Para ele, o que importava não era a estética da construção, mas sim a sua antiguidade. Esta seria capaz de tornar belas as casas feias. O Solar Grandjean de Montigny está longe de ser feio, mas é tão velho a ponto de alunos da PUC-Rio, sem reconhecerem o valor machadiano da velhice, intitularem-no como a casa velha. Isso nos faz pensar: Quando o Solar passou a ser considerado uma casa velha? Quando a casa senhorial e neoclássica tornou-se uma casa velha no bosque da PUC-Rio? Pensar nessa transformação implica, diretamente, em pensar o que era o Solar no ano de sua construção e o que é atualmente. O passado do Solar, que constitui o meu objeto de análise enquanto historiadora em formação, não pode ser alcançado tal como realmente foi; todavia, este passado deixou monumentos que permitem que o historiador os transforme em documentos, a fim de estudar uma época que já não é mais a sua. Contudo, minha pesquisa não reside apenas no passado. Ela é alimentada pela relação entre século XIX e o século XXI. Mas o que a justifica é o anseio de entender como o Solar se tornou um monumento esquecido, tendo sido resgatado do *campus* da PUC-Rio para o meu trabalho. Ele não faz mais parte da memória de muitos dos que convivem no *campus*. Acredito que os funcionários, docentes e discentes da Universidade que desconhecem o Solar, ao serem informados sobre ele, imaginam que a morada tropical tenha realizado uma viagem semelhante à personagem Dorothy em O Mágico de OZ, isto é, reproduzem uma expressão de surpresa e incredulidade como se o Solar tivesse chegado ao *campus* da mesma forma que Dorothy chegou ao mundo de OZ: através de um tornado. É como se o Solar não existisse antes da fundação da Universidade.

É pensando na relação entre passado e presente que adoto, como recorte temporal, os anos de 1808 a 1831, relacionando-os com a contemporaneidade. Fiz essa seleção tomando como base a situação política da antiga colônia lusitana e a sua elevação à capital do reino português com a chegada da Família Real em 1808 e também o encerramento do Primeiro Reinado, com a abdicação de D. Pedro I em 1831, que significou o término do sonho de um império europeu na América. Cabe ainda ressaltar que, em decorrência das mudanças advindas com a Família Real, chegou aqui, em 1816, a Missão Artística Francesa, e nela Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, o principal responsável pela (re)construção do Solar e seu primeiro morador.

Objetivos

O primeiro objetivo é aprofundar a relação entre o Solar e a memória da PUC-Rio. Para isso, realizei um levantamento de fontes sobre o Solar, desde o século XIX até o presente. Posteriormente, criei um pequeno acervo com as fontes relevantes para a minha pesquisa e para os seus futuros desdobramentos. Na etapa atual do trabalho, desejo realizar um paralelo entre a forma como o Solar estava inserido na sociedade de corte do XIX e está inserido hoje na percepção dos estudantes da PUC-Rio. Espero também verificar em que momento ele se

tornou um monumento esquecido e foi encoberto pelas folhagens do *campus* da PUC-Rio, caindo assim no desconhecimento de muitos e na questão que, inclusive, de início norteou a elaboração deste trabalho: como o Solar Grandjean de Montigny surgiu em meio ao *campus*?

Metodologia

Para alcançar esses objetivos, utilizarei dois conceitos essenciais: o de Documento/Monumento [2], proposto por Jacques Le Goff, e a noção de Lugar de Memória [3], do historiador Pierre Nora. Com esse quadro teórico-metodológico, farei a relação passado-presente do Solar, uma de minhas aspirações iniciais. Além disso, duas obras fundamentais para esse trabalho são os catálogos da exposição Uma cidade em questão: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro [4] e A morada carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea [5], que me possibilitaram conhecer o Solar no século XIX, além de permitirem uma melhor abordagem da figura de Montigny e suas realizações no âmbito da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo. Para o século XXI, por outro lado, o trabalho está embasado em registros que mencionam o Solar como casa velha ou castelinho, que serão objeto de uma próxima etapa com a realização de entrevistas. Utilizarei também documentos da pesquisa feita pela pesquisadora do Núcleo de Memória, Sílvia Ilg, acerca do Solar Grandjean de Montigny no IPHAN.

Conclusões

Pensar no Solar Grandjean de Montigny é pensar em como, em uma só construção, há inúmeras tensões de memória entre o passado e o presente – expostas nas diferenças entre uma casa de arquitetura neoclássica que abrigou um arquiteto oriundo da Missão Artística e uma casa velha – e tensões sociais e estruturais da época: como pode uma casa neoclássica em uma cidade barroca, colonial e escravocrata? No século XIX, o principal embate girava em torno do desejo de modernizar a capital do reino português instaurando o estilo neoclássico e adotando medidas estéticas e sanitárias. Todavia, esse desejo de modernização esbarrava em um ponto que fazia todo esse processo parecer ilógico: o caráter colonial, senhorial e barroco do Brasil, conforme ilustrou Jean Baptiste Debret em *Maison Grandjean à la Lagoa* e Arnaud Julien Pallière, em 1830, no quadro que retrata Juan León Pallière no colo de sua mãe.

Hoje em dia, ao analisar as representações e imagens feitas do Solar em comparação com o que ela representava para Grandjean e para a sua sociedade, abre-se uma lacuna juntamente com o desejo de entender como uma memória pode ter sido não propriamente alterada, mas praticamente esquecida.

Referências

- [1] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. As velhas e belas casas do Rio: o Solar Grandjean de Montigny, na Gávea, e sua incorporação ao patrimônio artístico nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, [19--].
- [2] LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p.535-553.
- [3] NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº. 10, São Paulo, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, p. 7-26, dez. 1993.
- [4] DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. **Uma cidade em questão I**: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio; FUNARTE; Fundação Roberto Marinho, 1979.
- [5] ARESTIZABAL, Irma. **A morada carioca**: Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992.